



ROTEIRO ÀS AVESSAS: NO IMAGINÁRIO DO CINDERELO

Gisele Morales¹

Josias Pereira²

Introdução

Quando falamos de produção de vídeos estamos falando justamente da possibilidade de o aluno repensar sua vida, repensar a sociedade e repensar as práticas sociais adquiridas, e aprendidas ao longo da sua vida. Se colocarmos em análise questões semióticas, que o aluno está realizando é justamente compreendendo os signos internalizados de forma inconsciente ao longo dos anos. Esse aluno quando provocado por sua professora a produzir o material audiovisual, ele de forma consciente e também porque não dizer inconsciente analisa as suas ações e relações com o mundo exterior, colocando em debate muitas ações aprendidas/captadas ao longo de sua vida.

Pois quando falamos para um educando fazer um roteiro ele vai utilizar todo o seu arcabouço cultural internalizado por ele ao longo dos anos, porém quando falamos de alunos da década de 80 ou 90 e 2000, eram outros tipos de alunos, que tinham como referência principal de audiovisual a televisão aberta e o videocassete VHS. Mais adiante a TV a cabo, que juntamente com as antigas locadoras de vídeos tinham um custo alto, pouco acesso de toda a sociedade, sendo assim importante pensarmos que a partir de 2006 com a criação do *YouTube*, tudo mudou, principalmente com a vinda para o Brasil dessa importante plataforma de vídeo, basicamente a partir de 2010 com os celulares *smartphones e notebooks*, tornando mais acessível a partir de 2015 com a internet 3G e 4G para todos, basta ter dados móveis ou internet em casa, que tens uma rede de vídeos dos mais variados ao dispor de qualquer cidadão.

Na sociedade atual temos um grupo de alunos que desde a tenra idade estão aprendendo com um universo de imagens, não só imagens feitas por grandes emissoras de TV ou grandes produtoras de filmes, mas também de vídeo feito por outros alunos, sejam

¹ Pedagoga, professora Orientadora Educacional da Municipal da Prefeitura de Rio Grande- RS, professora de anos iniciais pela Prefeitura de Pelotas. Mestranda do curso de Educação Matemática - UFPEL.giselemorales20@gmail.com

² Professor Doutor adjunto do departamento de cinema e audiovisual – UFPEL.



jogando ou brincando com seus familiares, mas construindo vídeos em seus lares, assim fazendo parte do seu universo simbólico tanto deles como de suas famílias, reforçando signos internalizados.

Muitos debates que estavam presos dentro da academia, hoje se fazem de forma simples e direta em *Lives*, podemos assistir grandes teóricos que antes só tínhamos possibilidades de ver em palestras em grandes universidades, no momento, agora falando tranquilamente de suas obras e pesquisas, em várias *Lives* ou mesmo alguém explicando aquele livro complicado seja do Foucault e Deleuze, mas explicando de forma simples e direta para o público em geral. Nossos alunos hoje falam do empoderamento feminino, globalização, das finanças e aplicação Bitcoins de formas tão simples, pois eles têm outras formas de aprender, mostrando que a escola ainda é um lugar privilegiado de saber, mas não o único.

Metodologia

Neste relato iremos apresentar como um menino do 6º ano, de uma escola pública Municipal da cidade de Rio Grande, do Bairro da Vila da Quinta, que ao fazer uma Produção de vídeo estudantil na escola sobre a releitura da Cinderela na disciplina de português, debateu com sua professora porquê que a ideia de ser Cinderela era só com para/com meninas, por que não tinham “Cinderelo” nas histórias infantis? Vamos lembrar da história da Cinderela contada em séculos anteriores para que possamos ter uma ideia do porquê dos questionamentos do aluno, o “Cinderelo”.

O conto Cinderela³ é uma história muito antiga, do século XVII, onde o sonho da jovem é se casar e sair da condição de vida bastarda e serviçal da madrasta, que após a morte de seu pai passa a servir a madrasta e suas filhas, tudo devido a inveja, a moça era muito bela. Assim, após um baile que ela foi linda e conquistou o coração príncipe, perde seu sapatinho e como o príncipe estava a procura de uma bela moça pra casar, lança uma busca em toda a realeza atrás da moça que conquistou seu coração. Esse universo patriarcal de submissão,

³ É um dos contos de fadas mais populares da Humanidade. Sua origem tem diferentes versões. A versão mais conhecida é a do escritor francês Charles Perrault, de 1697, baseada num conto italiano popular chamado *La gatta cenerentola* ("A gata borralheira"). A mais antiga é originária da China, por volta de 860. Semelhante à versão de Charles Perrault é a versão dos Irmãos Grimm. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cinderela>



onde somente o matrimônio seria a solução para uma bela moça. Por que essa história não poderia ser diferente como diz o menino Cinderelo? Hoje essas questões de gênero estão se desintegrando nessa sociedade contemporânea, os meninos também são sensíveis e também podem fazer qualquer papel dentro do olhar artístico do audiovisual do mundo digital, ele pode ser a personagem que quiser ser, esta ideia do patriarcado que “lugar de mulher é na cozinha”, menino também pode cozinhar, criar filhos, administrar uma casa, não existe lugar, e sim liberdade para fazer o que quiser, desde num determinado momento da vida se dê conta desse fato, que não existe papéis sociais, normas, discursos e sim singularidades, que cada faz o que sente melhor fazer, dentro da sociedade, sem tachar papéis, o mundo é volátil, líquido, e podemos ocupar nosso lugar de direito.

Também percebemos que nesse momento ele está despertando para muitas questões do empoderamento feminino e debatendo de forma às avessas, questionando-se porque a mulher tem que cuidar de um lar, porque um menino não poderia estar no lugar dela? E seria uma forma talvez humorada de ver essa questão de somente as mulheres nas antigas histórias infantis faziam parte deste imaginário social, porque os meninos não? Por que eram somente meninas? Por que menino não arruma a casa e faz as refeições? Por que meninos não choram? Por que meninos não podem ser “Cinderelos”?

Também existe o outro lado das histórias infantis, na atualidade e agora revelada por esse menino de 11 anos de uma escola pública da zona rural, mas que devido às tecnologias e o *rol* de vídeos e filmes que pode ver, se questionou, porque ele não podia ser o “Cinderelo” na representação do vídeo? Assim, como salienta Pereira, Guizzo e Zago:

Entendemos que a contemporaneidade possibilitou o desenvolvimento de uma infinidade de identidades, plurais, móveis, contraditórias, de resistência e, por vezes, avessas às normas sociais que, durante séculos, aprisionaram os sujeitos em categorias muito rígidas de gênero e de sexualidade. (PEREIRA, GUIZZO E ZAGO, 2017, p.27)

A contemporaneidade nos traz um novo olhar perante as histórias já contadas e feitas, antes como reprodutoras da sociedade, hoje questionadas diante das tecnologias, ou seja, infundáveis vídeos no *Youtube* que alimentam o imaginário social contemporâneo, mudando



as ideias que se tem sobre gênero e sexualidade. A rede de poder que a Web desempenha está modificando. Assim, conforme Rabelo:

“As narrativas dos contos são criadas e seus significados são reproduzidos de acordo com cada modelo que a sociedade criou. É fato que as narrativas orais desempenharam um papel importante para a literatura e conseqüentemente para a sociedade, porém trazem marcas de um passado longínquo, que recaem sobre a mulher. (RABELO, 2016, p.80)

Quando falamos de roteiro temos que ter em mente que estamos falando de várias ações internalizadas, de forma direta ou indireta simplificando quando falamos de roteiro que é uma ação social, que representa vários preconceitos e conceitos do de quem criou, então quando analisamos algumas das histórias clássicas no viés político ideológico atual vemos que muitos contos de fadas tem um laço de manutenção da forma social vigente, como se representa na sociedade, reforça valores, formas de reprodução.

Como um exemplo na história da Cinderela onde ela é uma jovem mulher, que mora com a madrasta e precisa de alguém para ajudá-la a ser salva daquele mundo que ela vivencia, e que somente encontrando o príncipe encantado ela poderia se salvar. Sendo assim, em sua vida acontece em um passe de mágica ela consegue ir ao baile e sendo a mais bela, encanta o príncipe, mas tem que fugir antes da meia noite, e assim o príncipe a procura incansavelmente até que a libertá-la da vida de sofrimento, e proporciona uma vida de Princesa.

Quando vemos essa história no viés colonial percebemos várias ações de preconceito e de manutenção da figura da mulher como uma figura que precisa de alguém para libertá-la, ajudá-la, tirá-la daquele espaço de oprimida, tirando das mulheres todo o poder e força que tem de conseguir seguir por conta própria, vencer trabalhando de forma honesta.

Por exemplo no livro de Carolina Maria de Jesus (1960) Quarto de despejo, diário de uma favelada, ela então explica a sua luta de viver numa favela de São Paulo com 4 filhos, onde ela relata em uma passagem do início do livro:



15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, CAROLINA, 1966, P. 10)

Passagem intrigante da pobreza dessa mulher e com seus filhos e desalentos, que sozinha enfrentou o mundo e venceu. Alguns anos depois da década de 90, foi realizada uma pesquisa que o título foi “Cinderela negra a saga de Carolina Maria de Jesus”, foi uma dessas mulheres que não pegou o mito da Cinderela esperando um Príncipe Encantado para resolver os seus problemas e sim lutou bravamente por um espaço para ela e para seus filhos, onde a sociedade Brasileira patriarcal, racista, classista e colonial tratou não somente ela como vários descendentes negros quilombolas e principalmente as mulheres de forma diferenciada, ao longo desses anos, sempre dentro de uma escala hierárquica de “subalternia” social.

Porém hoje podemos dizer que Carolina de Jesus pensava em se libertar sozinha, sem nenhum príncipe, com suas próprias forças e trabalho, saindo das amarras do opressor, dos colonizadores, assim como o próprio mestre Freire escreveu em seu livro Pedagogia do Oprimido (1986) “A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí.” Ou seja, raízes de luta por um mundo melhor e mais igualitário, onde mulheres/jovens lutam por seus direitos de igualdade, porque podemos entender a pedagogia como algo mais amplo, uma pedagogia que ampara e descortina.

Realizar a releitura de Cinderela, mesmo em que mesmo na visão de um menino mostra como os nossos educandos estão debatendo a sociedade, repensando a sonhos de forma diferenciada, isso é um exemplo de que estamos em um caminho onde as futuras gerações estão podendo debater, discutir e visitar antigos clássicos e mostrar que eles estão equivocados e que podemos sim fazer coisas diferentes num ponto de vista e de uma visão mais “descolonial”.

A decolonialidade surge do rompimento com o pensamento pós-colonial que, até então, desenvolvia trabalhos com conceituações



e categorias voltadas para o processo de colonização na África e Ásia entre os séculos XVIII e XX. Esses estudiosos também romperam com o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos, uma vez que eles criticavam o fato de o grupo não desenvolver uma análise crítica sobre o colonialismo na América Latina a partir dos fatos latino-americanos, mas, sim a partir das perspectivas dos indianos. (OLIVEIRA e LUCINI, p3, 2020)

Romper com os paradigmas de colonização requer muito além de bom senso, requer visão do novo, enquadramento político, e total desapego às antigas formas de repressão, é assim que vejo o roteiro do Cinderelo, um menino que conseguiu enxergar o que nem eu vi, como também revela o autor Rufino(2019, p. 11) “Assim, a descolonização deve emergir não somente como um mero conceito, mas também como uma prática permanente de transformação social na vida comum, é, logo, uma ação rebelde, inconformada, em suma, um ato revolucionário.”

Um ato de libertação dos moldes normais das classes sociais dominantes, uma versão do “Cinderelo” mostra que os jovens de hoje não se conformam mais com uma sociedade desaprova modos de vida antes encobertos, de forma velada e estruturalista do bom costume, e sim ele quer mudanças, romper paradigmas. Assim, como afirma Louro(1997, p. 20 e 21) “O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível.”

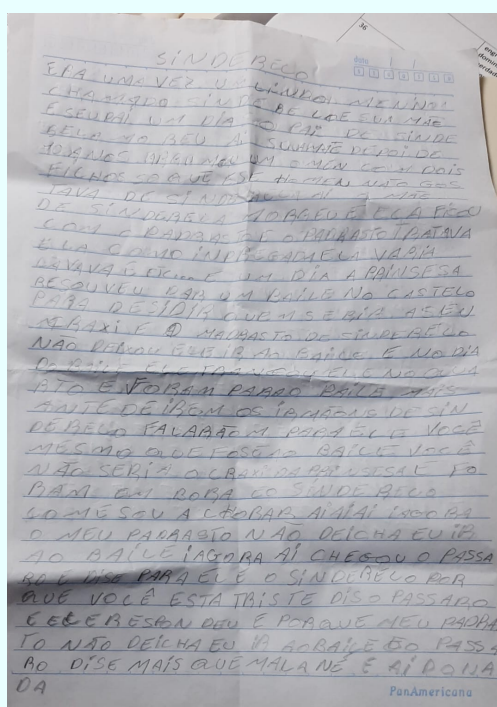
A autora mostra que a distinção relacionada a biologia sexual justifica a desigualdade social entre gêneros, por isso o “Cinderelo” questionou a professora, que se encontra há décadas na conformidade social de gênero, que quando se vê interrogada, para pensar que tipo de sociedade ela está inserida? E que papel ela desempenha nessa sociedade desigual?

Nesse contexto, existe uma troca de papéis, onde o aluno questionou a professora e a fez refletir que modelo de sociedade está sendo reproduzido nas escolas, e é pertinente destacar que nós educadores temos que parar como o diz Freire (1986) “A Vigilância do meu bom senso tem uma importância enorme na avaliação que, a todo instante, devo fazer de minha prática.”, usando as palavras do mestre, não podemos descansar em nossa práxis, refletir sempre, a todo instante, para não ser pego por surpresas inesperadas, com alunos que



já foram além das reflexões, e que mostram que a gerações futuras vem com muito conhecimento de fato, devido às tecnologias.

figura 1 - o Roteiro - “Sinderelo”



Fonte: acervo da pesquisadora 2022.

Considerações finais

Diante desse ensaio de roteiro surgiu esse impasse, de ter um roteiro para um menino “Cinderelo”, do mundo tecnológico, onde sua carruagem é um carro Camaro, que invés de perder o sapato ele perdeu o tênis de marca, onde ser Cinderelo no imaginário dele é com S



(Sinderelo), mas que diante de um pedido de roteiro ele me trouxe uma história às avessas, mas de profunda repercussão, tanto que gerou um artigo para revista Roquette-Pinto, porque hoje existe o Roteiro oculto, algo que só aparece quando nós professores damos liberdade aos nossos educando para escrever seus roteiros, verdadeiras narrativas de suas subjetividades diárias.

Em suma, professores que trabalham com PVE, posso afirmar que o roteiro oculto existe, e vamos dar liberdade para ele aparecer porque trabalhar com PVE é ser transgressor, arte e cultura audiovisual transforma e elucida o real, mostra o que não estamos vendo ou que com o passar da vida corriqueira deixamos de observar.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977. **Quarto de despejo: diário de uma favelada / Carolina Maria de Jesus**; 10. ed. - São Paulo: Ática, 2014. 200p.: il. Inclui apêndice e bibliografia ISBN 978-85-08-17127-9.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 90 p.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. **O Pensamento Descolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência**. Revista Boletim Historiar - ISSN 2357-9145. Acessado <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/15456>. Dia 26/09/2022.

PEREIRA, J. **Como Fazer Vídeo Estudantil na Prática da Sala de Aula**. Pelotas.

Erd filmes, 2016.



PEREIRA, Josias. **A produção de vídeo estudantil na prática docente**: uma forma de ensinar. 2014. 223f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PEREIRA, Josias; DAL PONT, Vânia. **A formação de professores na produção de vídeo estudantil: importância dos cursos de licenciatura se abrirem para novas metodologias**. *In: Roquette-Pinto: A Revista do Vídeo Estudantil*, Pelotas, 5ª edição, p.17–24, 2021. ISSN: 2526-6128, versão on-line. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/files/2021/10/2-A-Formacao-de-Professores-na-Producao-de-Video-Estudantil-Importancia-dos-Cursos-de-Licenciatura-se-Abrirem-para-Novas-Metodologias.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

RABELO, Josiane Oliveira. **Construção da subjetividade feminina: uma reflexão a partir dos contos de fadas dos irmãos Grimm**. / Josiane Oliveira Rabelo; orientação [de] Prof.^a. A Dr.^a. Simone Silveira Amorim. –Aracaju: UNIT, 2016.105 p. il.: 30 cm inclui bibliografia. Dissertação (Mestrado em Educação)

RUFINO, Luiz. 1987. **Pedagogias da Encruzilhadas/Luiz Rufino (1987)** - Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164p.; 21cm.